



EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA: RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE¹

*PHYSICAL EDUCATION AND DANCE: GENDER AND SEXUALITY
RELATIONS*

EDUCACIÓN FÍSICA Y DANZA: RELACIONES DE GÉNERO Y SEXUALIDAD

Petrônio Alves Ferreira²
Joélcio Fernandes Pinto³

PALAVRAS-CHAVE: *Educação Física; Dança; Gênero.*

1 INTRODUÇÃO

As experiências e observações advindas do ensino da dança na escola – na Educação Física e fora dela –, impulsionaram-me na busca por uma compreensão mais profunda das relações de gênero e sexualidade estabelecidas nessas práticas. A primeira observação que me chamou a atenção para o tema refere-se aos festivais de dança, nos quais detectei uma participação maciça de meninas em oposição a um número bem menos expressivo de meninos. Outra situação é a resistência oferecida pelos meninos ao aprendizado da dança nas aulas de Educação Física, mesmo aqueles que praticavam dança como atividade extracurricular. Nesse contexto, esta pesquisa de mestrado, em andamento, busca analisar como as relações de gênero e sexualidade são construídas e explicitadas pelas práticas de dança na escola.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente este estudo situa-se como uma investigação qualitativa, e lançará mão da estratégia de observação participante, compreendendo que as ações dos sujeitos são singulares em seus contextos naturais (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48). Até o momento, o estudo tem se dedicado à construção de um embasamento teórico sobre a temática e um estudo exploratório do campo, com base em observações gerais das práticas de dança na escola.

3 DANÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

Em consonância com outros estudiosos, Louro (2011, p.63) ressalta que a noção de gênero é uma construção cultural contínua, portanto inacabado, inconcluso e

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) petronioalvesfer@yahoo.com.br

3 Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) joelciofp@yahoo.com.br

relacional. De maneira análoga, a sexualidade também tem sido abordada assim, sendo, portanto, constituída de historicidade e caráter provisório. A preocupação das instituições pedagógicas com a sexualidade é secular, como nos mostra Foucault (2015, p.31), ao retratar que nos colégios europeus do século XVIII, onde a organização do espaço das salas, os regulamentos sobre a conduta nos dormitórios, refeitórios e banheiros, tudo fala de sexo. Para Louro (2011, p.66) a escola, ainda hoje, funciona como um mecanismo de afirmação normativa e disciplinadora do sexo, operando na perspectiva da heteronormatividade. Nesse contexto, a construção da identidade masculina heteronormativa se preocupa em negar qualquer vestígio de desejo por práticas ou condutas não sancionadas pela norma. Deixar-se levar por uma prática hegemonicamente feminina, como a dança, significa aproximar-se dos desejos inerentes à sexualidade das mulheres e, portanto, conduzir-se perigosamente à homossexualidade.

A análise dos discursos e performances dos meninos na prática de dança nos permitiu perceber pelo menos dois comportamentos distintos. Um deles é a resistência à dança, que tomada hegemonicamente como feminina acaba sendo negada pelos alunos como uma forma de demarcação da masculinidade. O outro se refere aos alunos que praticam dança como atividade extracurricular, e que buscam afirmar sua heterossexualidade através de discursos e comportamentos que se contrapõe ao imaginário feminino ou homossexual: *“Eu danço, mas eu pego as meninas”*.

Esses comportamentos parecem nos dizer que desconstruir a ideia de determinismo entre práticas corporais e gênero não tem sido suficiente para provocar uma mudança da compreensão dos papéis sociais de homens e mulheres. Muito ao contrário, entre os meninos, a necessidade de reforçar a masculinidade acaba provocando outros discursos e comportamentos machistas, misóginos e homofóbicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento, este estudo nos permite apontar que as relações de gênero e sexualidade que atravessam a prática da dança na escola demonstram não romper com o paradigma da heteronormatividade. Também parece possível pensar que os discursos de promoção da participação igualitária de gêneros nas diferentes práticas corporais, quando, por exemplo, demonstramos que meninos podem dançar e serem sensíveis sem deixar de ser masculinos, reafirmam a compreensão de gênero como papel sexual. Não se discute o que é ser masculino ou feminino, desconsiderando as concepções de gênero e sexualidade como construções culturais, históricas, relacionais e dinâmicas, e silenciando as diferentes sexualidades.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BILKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011.